

Mundo da fantasia

Rogério L. Furquim Werneck*

Daqui a nove dias mais de 100 milhões de eleitores deverão comparecer às urnas para eleger o presidente da República, 27 governadores, um terço do Senado e a totalidade de seus representantes na Câmara Federal e nas Assembléias estaduais. O que está em jogo é nada menos do que os limites e as possibilidades da ação coletiva que a sociedade brasileira se poderá permitir nos próximos quatro anos. E, no entanto, na esteira de uma campanha eleitoral descolada da realidade, o País marcha para as eleições completamente alheio ao problema central com que terá de lidar nos próximos anos. É difícil que consiga chegar a bom porto uma Nação que não sabe de onde parte e que obstáculos terá de enfrentar na travessia.

Para entender o que há de estranho no processo eleitoral em curso, imagine o leitor um condomínio relativamente grande às vésperas da eleição de um novo síndico e de quase três dezenas de subsíndicos. Há muito vem o condomínio enfrentando um quadro bastante difícil. Os gastos comuns, que há 15 anos correspondiam a um quarto da renda total dos condôminos, agora absorvem quase 40% dessa renda. Pouco ou nada se investe. Quase tudo que se arrecada com as cotas pagas pelos condôminos tem de ser destinado ao pagamento de funcionários ativos, a despesas com um pródigo plano de pensão que beneficia um número cada vez maior de inativos e ao custeio de programas que buscam aliviar as condições de vida de condôminos menos afortunados. O que sobra mal dá para manter sob relativo controle a gigantesca dívida que o condomínio contraiu ao longo dos anos, sobre a qual vêm tendo de pagar uma conta de juros inflada pela previsível desconfiança dos credores. Embora custe tão caro, o condomínio mantém serviços de péssima qualidade. Quase nada funciona como deveria, as áreas comuns estão abandonadas e há muito não se vê esforço de manutenção das dispendiosas instalações construídas no passado.

O que causa espanto, contudo, é que, a uma semana de uma eleição que promete ser disputada, não haja candidato relevante a síndico ou subsíndico que sequer mencione o difícil quadro com que se defronta o condomínio. Propostas de racionalização de despesas, corte de gastos, redimensionamento do quadro de funcionários, reconcepção do plano de pensão, diminuição da dívida do condomínio e redução das cotas de contribuição dos condôminos são tratadas como tabús. Não há quem se disponha a defendê-las. Embora sejam medidas inevitáveis, que mais dia menos dia terão de ser adotadas, os candidatos parecem convictos de que mencioná-las, mesmo que vagamente, é receita certa para derrota na eleição. Na verdade, é bem provável que o atual síndico venha a ser reeleito, após ter concedido generosos aumentos recentes na

folha de salários e aposentadorias e ampliado em muito os programas de apoio a condôminos menos afortunados.

O que mais se ouve na campanha são promessas de ampliação dos serviços do condomínio e de grande melhoria na sua qualidade. O que não se vê, contudo, é qualquer preocupação por parte dos candidatos em explicar como as combalidas contas do condomínio poderão acomodar o custeio de tantas benesses sem esforço sério de corte de outros gastos, quando já se detecta entre os condôminos enorme resistência a nova elevação da vultosa cota de contribuição que já lhes vêm sendo imposta. Nenhum candidato se sente compelido a se mostrar mais conseqüente nessa matéria. Mas, por estranho que possa parecer, isso não é visto como problema. Nas regras implícitas na curiosa competição política que se estabeleceu no condomínio, não há qualquer expectativa de que os candidatos mostrem que suas propostas são viáveis, ainda que, por razões óbvias, regras tão complacentes contrariem os melhores interesses dos condôminos.

Se o leitor se espanta com a idéia de um condomínio com eleições para síndico conduzidas nessas bases, não terá dificuldade em perceber os descaminhos do processo eleitoral que agora chega ao fim no País, mesmo que saiba guardar as devidas proporções e ter em conta que o Brasil é um condomínio incomparavelmente mais complexo. Não há como não se preocupar com os desdobramentos de uma campanha em que os candidatos se empenharam em só dizer ao eleitor o que ele supostamente quer ouvir, omitindo completamente o que ele precisa ouvir.

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.